



Davi Bottini

DIÁRIO DE UM FORASTEIRO

A0
AREA ZERO

Diário de um Forasteiro

DIÁRIO DE UM FORASTEIRO

Diário de um Forasteiro

Copyright © 2011 by Davi Bottini.



AREA ZERO

www.the-area-zero.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – por qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização do autor.

Capa: FRIEDRICH, Caspar David;
Der Wanderer über dem Nebelmeer
(*The wanderer above the sea of fog*).
Reprodução fotográfica digitalizada.
Arte original encontra-se em domínio público.

Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons - Atribuição - Uso Não-Comercial - Obras Derivadas Proibidas 3.0 - Não Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/> ou envie um pedido por escrito para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, California 94105, USA.

Diário de um Forasteiro

Prefácio do autor

Não sou um escritor. Tenho muitas outras ambições nesta vida. Mas, por um breve período de minha vida, fui poeta.

Naqueles dias, buscava inspiração em todos os meus sentimentos – bons ou ruins, e transformava isso em textos, versos, crônicas – chame do que quiser. Pra uns, poesia. Pra outros, lixo. Pra alguns, arte. Pra muitos, nada demais. Mas este livro é dedicado pra poucos: aos forasteiros do mundo, que buscam encontrar seu lugar nessa vida.

Esta pequena coletânea foi produzida nos dias mais tenebrosos, entre 2008 e 2009. Ficou um breve período entretendo as traças na gaveta, e depois (acrescida de mais alguns textos de 2010) foi trazida à tona. Um produto de forasteiro para forasteiros.

Um produto acessível, perecível, que você consome em uma leitura rápida, seja durante uma viagem de metrô ou numa mesa de café; sentado em algum banco, em algum canto da cidade; em qualquer lugar.

Leia. Deixe de lado. Torne a ler novamente em algum outro momento da sua vida. Compare as sensações. Se não gostar, passe adiante. Se gostar, o prazer será todo meu. Pois escrevi pra você. Pra vocês. Reflita. Critique. Comunique. Interaja.

Davi Bottini
www.the-area-zero.com

Diário de um Forasteiro

Primeira Parte: “RENÚNCIA”	6
ZERO	7
ENTERRE.....	8
ESPERANDO NA ESTAÇÃO.....	10
O TREM DO DESERTO.....	11
O CAMINHO QUE ME PERDE.....	13
OUTONO	14
TOPO DO MUNDO.....	15
O MUNDO SEM MIM.....	17
ÚLTIMO BRILHO	19
Segunda Parte: “ESPERANÇA”	20
HISTÓRIAS SÓRDIDAS NOS PORTÕES DA MORTE	21
VINGANÇA.....	23
DESINTEGRANDO	24
IMPLOÇÃO E RENOVAÇÃO	25
APENAS VOE	26
A DECISÃO DOS ANJOS.....	27
A CAMINHADA CONTINUA	29
VIVA POR UM OUTRO DIA	30
Terceira e última parte: “EXISTÊNCIA”	31
O MAPA DO INFINITO	32
SIGAM EM FRENTE	36
A LENDA DO FORASTEIRO ERRANTE	37
A MEDICINA EXPLICA.....	41
TRILHOS	42
DUNAS	43
BEDUÍNO	45
DEIXANDO O PARAÍSO	46
A VIAGEM.....	48
PARA SEMPRE FORASTEIRO.....	50
MONDO FINITO.....	51

Primeira Parte: “RENÚNCIA”

– Uma rápida viagem só de ida.

“O mundo prefere uma falsa alegria a uma melancolia sincera.”

- o Autor.

Diário de um Forasteiro

ZERO

Você está aqui, mas não está entre nós.
Está perto de mim, mas longe de você mesmo.
Ninguém pode te ver, embora esteja entre nós.
Você não está aqui.

Não encontra seu próprio lar.
Que não existe em nenhum lugar.
Você quer fugir pra onde puder.
Mas isso significa encontrar.

Então essa será sua busca.
Garanto que nada irá achar.
Pois não pertence a nenhum lugar.
Você não está aqui.

ENTERRE

Tolo...

Se permitindo afetar novamente,
Por sentimentos incabíveis;
Pelas mesmas emoções incompatíveis;
Arrancando esperanças da terra pelas raízes.

Sendo tolo...

Sem perceber a natureza contra você;
Deixe as areias repousando;
Dunas que o vento vai formando;
Respeite a geografia de seu deserto.

Devolva...

Tudo que arrancaste dessa terra;
Enterre de volta sua corrosiva ansiedade;
Ainda insiste em garimpar tua felicidade?
Retorne imediatamente ao seu caminho.

Diário de um Forasteiro

Não pergunte. Continue andando.
A razão de sua jornada é chegar ao final.
Sua recompensa é ter chegado inteiro.
Não lhe é suficiente, forasteiro?
Será, quando encontrar a saída.

E no final irá restar
O vento soprando
As dunas se formando
Você caminhando.
Somente.

ESPERANDO NA ESTAÇÃO

- O senhor está há dias sentado nesta estação. Não vai pegar nenhum trem?
- Estou esperando o último trem.
- Mas senhor, não existe um último trem. Nesta estação os trens passam a toda hora.
- Não estou esperando o último trem desta estação.
- Mas é a mesma coisa, existem vários trens, sempre. O senhor sabe aonde quer chegar?
- Todos esses trens não me levarão a lugar algum. Estou esperando o último trem da minha vida...

O TREM DO DESERTO

Aquele trem que pretendia atravessar o deserto, e que tanto descarrilou em sua jornada, não resistiu aos frágeis trilhos que o reservavam. Foram trilhos de insegurança, de medo, de dúvidas, de abandono, e por fim, trilhos de desespero. O trem tombou, levando todos os seus vagões ao chão. Aquela ferrovia não lhe serve mais; e mesmo que servisse, jamais o trem será reerguido.

Aquele trem permanece agora no meio do deserto. O tempo passa. Um dia ele será parte das dunas de areia que o cobrirão. Talvez um dia ele vire história. Mas sua chaminé não apita mais; sua locomotiva perdeu sua ignição; não havia passageiros nele; só havia a esperança que o movia para frente, ao longo dos frágeis trilhos que deveriam traçar seu destino.

Muitos trens acabam ficando na cidade mesmo, e não almejam atravessar o deserto pra chegarem à terra prometida. Na cidade tudo é mais cômodo, mais fútil. Tudo é tão superficial e conveniente. Pra que atravessar um deserto? Mas aquele trem tinha suas esperanças, e hoje ele é mais um número na estatística do fracasso da jornada. Talvez ele ainda estivesse funcionando, se

Diário de um Forasteiro

estivesse estacionado na cidade, sendo mais um trenzinho sem destino, pela estúpida paisagem urbana. Mas agora ele é parte do deserto. E o deserto é parte dele.

Nós somos o deserto, onde a esperança foi perdida. Somos o deserto que liga o podre ao digno. Somos meio caminho da estupidez à felicidade. Mas não somos estúpidos. E não somos felizes.

Queríamos o “hoje”, o “agora”, e acreditávamos no “amanhã”, por mais que ele nunca viesse. Somos o deserto. No deserto não há “amanhãs”, e os “hojes” são intermináveis. Aqui só resta lembrarmos-nos do “ontem”, e deixar que as dunas escolham nossa próxima paisagem quando os tempos mudarem.

Eu sou o trem que descarrilou nos vagões do medo, do sofrimento e do abandono. Sou as dunas que cobriram a luz do sol. Sou o sol que anula a vida deste lugar. Sou o vento que sopra no interminável vazio. Eu sou o vazio. Eu sou o deserto.

O CAMINHO QUE ME PERDE

A vida é feita de escolhas, mas eu nunca fui uma alternativa. O mundo é cheio de opções, mas eu não estou na vitrine. E nunca estive. Você não vai me encontrar em uma bela prateleira na livraria. Sou um livro que perdeu a capa, e se perdeu numa caixa de algum sebo. Mas, ainda assim posso ser um bom livro.

Posso ter movido montanhas, mas eu nunca construí um mundo. Posso ter voado até os céus, mas foi por nunca ter um chão. Meu pôr-do-sol sempre está na minha frente, mas eu nunca consigo ver por causa das nuvens negras e tempestades.

De tanto chegar atrasado, parei de ter pressa. De tanto agir, parei de me desgastar. De tanto me desgastar, parei de agir. De tanto acreditar, deixei de esperar. De tanto esperar, deixei de acreditar. De tanto acreditar, deixei de acreditar.

OUTONO

Faz sol lá fora. É primavera.

Mas, aqui dentro sempre é outono.

Não diga nada. Não faça nada.

E nem pense em pensar em alguma coisa.

Pois eu não direi nada, e não farei nada.

Somos as folhas que caem. É inevitável.

Pois aqui dentro sempre é outono.

Você pode esperar pela próxima estação.

Mas sempre será outono.

TOPO DO MUNDO

Os dias eram plenos e as noites intensas.

Os sonhos eram realidade, e a realidade era um sonho.

Havia um futuro grandioso;

Quando eu estava no topo do mundo.

A vida era um banquete de reis;

Quando hoje são migalhas de felicidade.

Nada se compara àquele pôr-do-sol;

Quando eu estava no topo do mundo.

Cada carta era poesia;

Cada assunto eram sorrisos;

E os sorrisos eram como mágica;

Quando eu estava no topo do mundo.

Do alto de meu castelo;

Eu não podia ver as fronteiras;

Daquele vasto império;

Quando eu estava no topo do mundo.

Diário de um Forasteiro

Dormia em céu estrelado;
Acordava em campo de margaridas;
Tudo era para sempre;
Quando eu estava no topo do mundo.

Hoje sou um velho derrotado;
Pela sombra da própria grandeza.
Hoje ninguém entende cada vírgula;
Quem dirá cada carta ou poesia...

Uma vez imperador do mundo;
Prefeito de lugar algum serei.
Esquecido por todos, menos pelas saudades;
De quando eu estava no topo do mundo.

O MUNDO SEM MIM

Lá vem o sol...

Anunciando um dia a menos em nossas vidas.

Brilhando sobre as montanhas e tornando o céu dourado.

Aconteça o que acontecer, ele vai brilhar.

Lá vem o vento...

Movendo as engrenagens do tempo.

Soprando as folhas e empurrando as nuvens.

Aconteça o que acontecer, ele vai soprar.

Lá vem o mundo...

Girando seu caminho pelo espaço.

Ouça o grito do planeta ecoando pelo universo.

Aconteça o que acontecer, ele não vai parar.

Lá vem a vida...

Se esvaindo pelos dedos como areia,

Nas mãos de cada pessoa que caminha por sua existência.

Aconteça o que acontecer, ela vai continuar.

Diário de um Forasteiro

Lá vem a dor...

Tributando cada pedaço de minha alma.

Mapeando meu caminho pelo destino.

Aconteça o que acontecer, ela vai voltar.

Lá vêm as pessoas...

Sorrindo, celebrando, loteando uma vida de discórdia.

Estendendo a mão, se arrependendo e indo embora.

Aconteça o que acontecer, elas partirão.

Lá vem o vazio...

Engolindo-me como areia movediça.

Trazendo-me de volta ao deserto infinito.

Aconteça o que acontecer, ele está aqui.

O sol nasce e sempre vai brilhar.

O mundo gira e nunca vai parar.

A vida surge e sempre vai continuar.

As pessoas vêm e sempre irão.

Mesmo que eu não esteja.

O mundo sem mim... vai continuar.

ÚLTIMO BRILHO

Em sua vida, eram tantas as dúvidas.
Diante de seu fim, tudo era certeza.
Ele olha para o abismo e faz todas as perguntas.
A eternidade é o castigo para os tolos.

Nenhum amor poderia salvar aquela alma.
Havia sonhos, e eram a morfina de sua existência.
E a realidade lhe servia como penitência.
O abismo olha de volta e lhe dá todas as respostas.

Ele salta, e em instantes será uma lembrança.
Em seu mergulho, descobre que possui asas de anjo.
Mas um anjo de asas quebradas não pode proteger ninguém.
Agora o abismo e ele se tornam um só.

Estava livre.
O sol poente chorou, e o céu ficou vermelho, de tarde.
A noite veio mais brilhante...
... Mas uma estrela se apagou.

Segunda Parte: “ESPERANÇA”

– Uma longa viagem de volta.

*“Sou o sonho de tua esperança,
Tua febre que nunca descansa,
O delírio que te há de matar.”*

- Álvares de Azevedo.

HISTÓRIAS SÓRDIDAS NOS PORTÕES DA MORTE

Homens seguravam os portões da morte;
Eram sádicos, cruéis, perversos;
Eram anjos de branco.
Incumbidos de lotar o purgatório.

Havia sofrimento nos portões da morte;
Pessoas simples, de vida difícil;
Agonizavam e imploravam por misericórdia;
Queriam apenas a chance de sobreviver;

Hostilizavam os suicidas nos portões da morte;
Costuravam seus cadáveres vivos;
Enquanto açoitavam suas almas pelo vale.
Anjos de branco não gostam de réprobos.

Honravam satanás nos portões da morte;
E queriam encher o inferno de almas infelizes;
Que ali chegaram gritando por socorro;
Naquele beco de trevas e abandono.

Diário de um Forasteiro

Há sangue nas palmas das mãos;
Das mães que perderam suas dádivas;
E uma legião de natimortos passa por mim;
E os vejo atravessando os portões da morte.

Hei de sobreviver aos portões da morte.
Malditos anjos de branco!
Têm meu corpo, mas não minha alma!
Não vou alimentar o sadismo de vocês.

Hoje sobrevoei os portões da morte;
Com ajuda de minhas asas quebradas;
Que não me ajudaram quando caí no abismo;
Pois só as ganhei porque virei anjo caído.

VINGANÇA

Desta herança todos irão partilhar.
Baseado no fardo que me simbolizam.
Mensurado por cada estaca em minha alma.

Para cada sonho que me foi privado,
Um purgatório de arrependimento enquanto dormem.
Para cada olhar de abandono a mim lançado,
Um labirinto de trevas pro resto de suas jornadas.
Para cada injustiça verbalizada,
Uma legião de cobras impersonando teus próximos.
E para cada semente de desconfiança,
Um latifúndio de ostracismo pro resto de suas vidas.

Lembre-se de mim;
Enquanto esqueço você.

DESINTEGRANDO

Toda vez perco tudo.
Recomeço da estaca zero.
Cada vez que perco tudo,
Menos tenho a perder.

Não tenho mais nada a perder.
Tudo já perdi.
Onde não há nada a ganhar,
Não há nada a se perder.

Cada vez que desintegro,
Sinto-me mais próximo da essência.
Da criação.
Do fim.

IMPLOSÃO E RENOVAÇÃO

Bons soldados morrem na guerra em prol da vitória de sua nação.

Boas células morrem para salvar a vida de um organismo.

Boas lembranças se vão, e com elas, o esquecimento de um passado ruim.

Bons valores precisam ser enterrados para que alguns vícios desapareçam.

Morre outro dia para sacrificar um ontem perdido.

Morre o herói que existe dentro de você para que o seu vilão também desapareça.

APENAS VOE

Há um imenso vazio que te impulsiona.

Você não sabe pra onde vai.

Não importa.

Apenas voe.

Você pode chegar até o espaço.

Você pode não chegar a lugar nenhum.

Você não precisa chegar.

Apenas voe.

Você pode ser livre.

Mas seu destino não te pertence.

Não há nada que possa fazer.

Apenas voe.

Voe para o além.

Voe para uma nova vida.

Voe um dia após o outro.

Apenas voe.

A DECISÃO DOS ANJOS

Era um lugar horrível.
Onde a noite não era bela,
E a escuridão não tinha fim.
Seria aquele o seu lugar?

Veio o anjo da destruição.
Trazendo as más notícias.
“Este lugar é bom demais pra gente da sua espécie”.
“Não há lugar aqui, vá embora”.

Era um lugar maravilhoso.
Céu azul e campos férteis.
Onde todos eram felizes.
Seria aquele o seu lugar?

Veio o anjo da criação.
Trazendo as boas notícias.
“Esse lugar é ruim demais pra você”.
“Merece algo menos conformista. Vá”.

Diário de um Forasteiro

Era um lugar assustador.

Onde as almas caminhavam em fila.

Onde o tempo não passava.

Ali não era o lugar de ninguém.

Veio o anjo do julgamento.

Trazendo a pior das notícias.

“As almas que passam por aqui possuem um destino”.

“Volte à vida, onde caminham os forasteiros”.

A CAMINHADA CONTINUA

O corpo desperta.

O coração enxuga as lágrimas.

A alma respira fundo.

Já passei por isso, mas nunca ultrapassei.

Poderia passar a vida toda sobrescrevendo as pegadas na areia, mas o resto do deserto ainda não foi pisado.

Realmente poderia ficar contornando esse oásis (que já se esgotou), mas não o farei.

Por mais que o vento tenha soprado e as dunas tenham se movido, o caminho de volta é tão inédito quanto o caminho adiante.

Parece que tudo mudou, mas o deserto continua o mesmo.

A vida continua quente ao dia, e terrivelmente fria à noite.

E as estrelas que guiam esta jornada permanecem nítidas no céu.

A caminhada continua.

VIVA POR UM OUTRO DIA

De volta ao penhasco, ele olha para dentro do mesmo abismo.
Que olhava de volta e o queria novamente.
Poderia ele tentar abreviar sua jornada;
Quantas vezes forem necessárias.

O abismo se mostrava um grande companheiro;
Queria ser o lar do forasteiro.
Ele dá um passo e chega ao limite.
O abismo abre os braços.

Mas ele já havia vencido o abismo e enganado a própria morte.
Não buscava mais o abismo.
Diante daquele penhasco;
Veio apenas contemplar o pôr-do-sol.

Terceira e última parte: “EXISTÊNCIA”

– Em toda a galáxia, não existe um brilho tão único quanto o seu.

“Não deixe que te dêem slogan quando você é poesia.”

- Rebeca Bondioli.

O MAPA DO INFINITO

Há um imenso vazio no universo,
Onde ninguém jamais esteve.
Talvez o mundo fosse o bastante,
Quando tudo era desconhecido.

Há um imenso vazio em você,
Onde nada será o bastante.
Onde bastante valerá nada.
Você busca pelo infinito.

Navega aos limites do possível,
E queima teu barco.
Para nunca mais voltar,
Ao conforto do conhecimento.

Não resta mais nada,
Só você e o infinito.
Nunca é tarde para buscar,
Quando seu vazio move o mundo.

Diário de um Forasteiro

Nunca é tarde pra pular,
Do alto do penhasco ao mar.
E mergulhar no fundo pra saber,
Aonde sua sede de resposta vai levar.

Nunca é tarde para escalar,
A montanha que te proibiram toda vida.
Pra provar para quem quer que duvide,
Que você podia alcançar.

Nunca é tarde pra abrir,
A porta do desconhecido;
A janela do infinito;
Um buraco no Sol.

Torne-se o mapa de seus feitos,
Para os medíocres terem algo.
Que ao menos possam começar,
A percorrer os passos do forasteiro.

HONORÁVEL VISITANTE

Bem vindo à minha humilde residência.

Ela está um pouco bagunçada;

Mas não repare;

Verá que é aconchegante.

Sinta-se à vontade, visitante.

A casa está em chamas.

Mas não repare;

Sinta-se em casa.

É certo, honorável, que tenha visitado lugares melhores;

Lindas casas, vinhos mais saborosos;

Mas não repare;

É o que tenho a oferecer.

É uma honra recebê-lo.

Fique quanto tempo quiser.

Mas não repare;

Se minha humilde casa não lhe agradar.

Diário de um Forasteiro

Mas já vai, meu bom hóspede?

As chamas te assustaram?

O caos te incomoda?

O vinho era amargo?

Não lhe nego o livre-arbítrio, visitante.

Há casas melhores lá fora;

Lindas fachadas, lindos móveis;

Vinhos mais saborosos...

Não poderia, em toda minha existência;

Apagar o incêndio, reformar a fachada, trocar os móveis;

Adocicar o vinho...

... somente para agradá-lo, honorável.

Apesar da bagunça, do vinho, das chamas;

É a minha humilde casa.

Mas não repare...

É o que tenho a oferecer.

SIGAM EM FRENTE

Quando precisaram de um chão;
Fui chão, paredes e telhado.
Quando o mundo era queda livre;
Eu lhes ensinava a voar.

Hoje passam por mim e têm nojo;
Raiva e reprovação.
Apontam o dedo e disparam;
Uma rajada de culpas e erros.

Vão embora desejando que eu sumisse.
Torcendo pra que eu não surja em outro beco.
Mas sou um fantasma para o mundo.
Não posso desaparecer mais que isso.

O sucesso, a abundância, o status;
Fizeram-lhes cegos e arrogantes.
Mas eu vos perdôo.
Porque eu lhes ensinei a voar.

A LENDA DO FORASTEIRO ERRANTE

Era uma vez um vendedor de ferramentas. Não vendia ferramentas apenas, vendia sonhos, pois comercializava os meios para que as pessoas alcançassem seus objetivos, fornecendo a elas as ferramentas para realizarem seus trabalhos.

Certa vez, vendeu uma ferramenta que apresentou um defeito durante o uso. Ele admitiu sua culpa, tentou trocar o produto, tentou reparar a situação, tentou mesmo recobrar a confiança do cliente. Mas era inadmissível que sua ferramenta apresentara aquele problema. Como podia? Uma loja tão tradicional ousar vender sequer um produto defeituoso? Não havia nada que o vendedor pudesse fazer pra reconquistar aquele cliente. Seu cliente nunca o perdoou. A história se espalhou.

As vendas praticamente cessaram. Estava deixando de inspirar os sonhos nas pessoas, que por sua vez, preferiam comprar na loja do lado ou na loja da frente, onde o preço não era tão bom assim, muito menos o atendimento.

- Mas aquela vez, uma ferramenta deu um problema, sabe? Melhor não arriscar - diziam os incrédulos clientes.

Diário de um Forasteiro

Descontente com a vida, frustrado com os negócios, e endividado após sucessivos prejuízos, o vendedor decidiu dar uma volta para colocar os pensamentos em ordem e distrair um pouco. Foi assistir uma corrida de cavalos.

As coisas já não iam bem mesmo, então decidiu apostar em um dos cavalos. Pra quem havia acumulado tanto prejuízo, o que seria uns trocados a menos de seu bolso? Viu como estavam as apostas, viu a linhagem dos cavalos, e se espantou com alguns dados. Percebera que um dos cavalos era um baita de um “azarão”, ou seja, não havia ninguém apostando nele. Logo, se ele ganhasse, o prêmio seria muito maior. Mas isso nunca iria acontecer.

- Mas esse cavalo é tão ruim assim? - indagou.

- Olha moço, esquece esse daí. Não serve pra nada. Melhor apostar em outro.

O vendedor ficou curioso e quis saber mais sobre aquele azarão. Um dos agentes de aposta explicou sobre o “Forasteiro Errante”, nome do cavalo que outrora foi um grande vencedor. Descobriu então que o forasteiro havia perdido um grand prix, onde o acúmulo de apostas sobre ele era um recorde mundial, para a

Diário de um Forasteiro

frustração de todas as pessoas que nele apostaram. Nunca mais ninguém acreditou no “Forasteiro Errante”. Cada vez menos, o jóquei e o cavalo tinham motivação para correr.

Então o vendedor se convenceu de que deveria apostar naquele cavalo. Identificara-se de imediato com aquela situação. Lembrou de sua loja de ferramentas, de suas vendas fracassadas, teve uma visão rápida de sua carreira e pensou o quão bom seria o dia que alguém entrasse novamente em sua loja para comprar uma de suas ferramentas. Então apostou seus últimos trocados naquele cavalo, o “Forasteiro Errante”. Obviamente, os apostadores ficaram espantados e caçoavam o vendedor:

- Tá jogando seu dinheiro fora, amigo!

Naquela tarde, por um enorme capricho do destino, os nove cavalos que correriam junto com o azarão estavam confiantes demais. Foi dada a largada. Os dez cavalos vieram juntos pelo percurso. Já era um espanto ver aquela imprevisibilidade. E na reta final o “Forasteiro Errante”, que um dia foi um grande campeão, mostrou seu verdadeiro potencial que estava ali adormecido, e cruzou em primeiro lugar na chegada.

Diário de um Forasteiro

A platéia se calou. O vendedor sorriu, e discretamente foi retirar seu prêmio. Ninguém sabia o quê exatamente falar para aquele homem que acabara de ganhar um prêmio absurdo, por ser o único apostador daquele azarão. Recebeu uma soma em dinheiro que nunca tinha acumulado em tantos anos. Perguntou ao agente que fez sua aposta quem era o dono do cavalo. Desceu às cocheiras e foi conversar com o proprietário.

- Então você é o ganhador da aposta? Não acredito que tenha apostado nesse azarão! Vocês são muito sortudos! O que pretende fazer com o dinheiro? - perguntou o dono do cavalo.

- Primeiro, vou quitar as dívidas de minha loja. Porque não quero mais saber desse traiçoeiro mundo dos negócios. Depois, vou comprar o seu cavalo, o Forasteiro Errante, porque ele não merece esse traiçoeiro mundo das corridas.

Então o ex-vendedor de ferramentas quitou seus débitos, fechou sua loja, comprou o cavalo e abraçou o destino. O cavalo e o homem, ambos outrora em descrédito, selavam ali uma amizade que iria durar para o resto de suas vidas. Confiavam um no outro. Cavalgaram na linha do horizonte, sob o pôr-do-sol. Foram embora para percorrer o mundo. E nunca mais foram vistos.

A MEDICINA EXPLICA

- Antes de receitar-lhe estes remédios, quero lhe fazer algumas advertências.

- Doutor?

- É um problema que afeta sua atividade cerebral, causando oscilações e instabilidade em seu comportamento, além da epilepsia, e possível perda de memória.

- Isso explica tudo.

- Não sei mensurar quanto tempo de vida você teria, com ou sem tratamento.

- Certo.

- Mas você precisa tomar esses remédios pra sempre, todos os dias.

Um dia sem e poderá cair babando no chão e ter convulsões.

- Certo.

- Mas ainda assim é impossível determinar o que poderá acontecer ou quanto tempo lhe resta.

- Certo.

- Então o que pretende fazer a respeito?

- Viver um dia após o outro.

TRILHOS

De volta aos trilhos;
Com todas as vontades;
Com todos os sonhos;
Contra todos os horizontes;

Voa vento,
Voa tempo,
Voa vida.

De volta aos trilhos;
Onde fortes são os trilhos;
Onde fracos são os trens;
Onde se chega ao além;
Onde foi que me perdi?

Não há como se perder.
Por isso são trilhos.

DUNAS

- Veja. Parte dos trilhos ainda está visível.
- As areias podem cobri-lo, mas eles sempre estarão ali.
- O trem está completamente coberto pelas dunas.
- Sim, ventou muito neste deserto ultimamente.
- Então isso sempre vai fazer parte de sua paisagem?
- Claro. Assim é a vida. O passado pode ser enterrado, mas ele existirá.
- Mas qual o propósito de deixar estes escombros nas dunas?
- Tudo tem um propósito. Mesmo que demore muito tempo, um dia se concretizará.
- Do que você está falando?
- Veja, há grama nascendo sobre as dunas. Esse foi o propósito.
- Quem plantou? Quem trouxe vegetação ao deserto?
- O próprio trem. Mesmo sob o desastre, ele tinha um propósito. Alguma coisa ali dentro, mesmo após os escombros, fez com que surgisse vegetação. Não importa o quê. Importa que ele esteja trazendo alguma vida ao deserto.
- Ou seja, o trem, os trilhos, nada foi em vão...
- Por isso vão permanecer ali.
- Existe mais alguma coisa incomum nesse deserto, além desse

Diário de um Forasteiro

trem?

- Sempre existe. Há muita coisa debaixo dessas areias. Eu me encarrego de construir. O vento se encarrega de formar as dunas. As dunas se encarregam de transformar tudo em história, restando apenas uma bela paisagem vazia.

- Mas não há nada que vá restar no final?

- Sim. O vento soprando, as areias caminhando, e eu atravessando o deserto.

BEDUÍNO

Ele atravessou o deserto.

Chegou a uma aldeia.

Tentou avisar;

Sobre a tempestade de areia;

Que ia chegar.

Mas ninguém falava a língua dele.

DEIXANDO O PARAÍSO

Era uma cidade incrível, com tantas pessoas celebrando a vida e festejando cada momento. Havia festa em todos os lugares. Havia uma cadeira e uma caneca para cada viajante que chegasse. Podia brindar e beber à vontade, pois havia fartura. Qualquer um viveria ali para sempre. Ali chegou o forasteiro e foi muito bem recebido por todos.

O lugar tinha uma vista maravilhosa do pôr-do-sol. Ele podia contemplar aquele horizonte. Havia colinas e videiras, e dali se via o longo deserto à distância. O céu era limpo. Ele podia ver novamente todas as estrelas. Do solo fértil brotavam lindos campos de trigo e de margaridas a perder de vista.

Mas ninguém se importava com o pôr-do-sol. Não fazia a menor diferença na tarde de ninguém. E ninguém nunca precisou chegar perto daquele deserto, logo, desconheciam. E tampouco caminharam pelos campos de trigo e os campos de margaridas. E todos estavam rindo e festejando, tão embriagados demais para sequer notar a noite estrelada.

O forasteiro, que havia atravessado todo o deserto, por tantos dias,

Diário de um Forasteiro

meses, anos; que havia procurado o pôr-do-sol pelos quatro cantos do mundo; raramente vendo as estrelas, os campos de trigo e as margaridas; somente ele podia dar valor a tudo aquilo.

E não havia ninguém para compartilhar de suas histórias. Ninguém para ouvir sobre sua jornada. Ninguém para sentar-se ao seu lado... E ver o pôr-do-sol, a noite estrelada, os campos de trigo e os campos de margaridas.

Pegou sua mochila, deixou a caneca, saiu da multidão. Enquanto todos riam e festejavam. Ninguém notou que ele estava de saída. Todos estavam felizes demais para perceber qualquer coisa.

Ele partiu em viagem de volta. De volta ao seu velho reduto. No alto da velha montanha. Rodeado pelas velhas florestas. E quando chegou, foi recebido pelo seu eterno companheiro. O vazio. E escreveu em seu diário sobre as belezas do paraíso. Onde todos eram ricos, felizes e saudáveis. Onde havia pôr-do-sol, noites estreladas, campos de trigo e de margaridas. E tudo isso pertencia a todos, menos a ele próprio. Pois o lugar de um forasteiro... é do lado de fora.

A VIAGEM

Tantos dias no deserto lhe tiraram a sanidade.

Tanto ele se perdeu e se reencontrou.

Tantas miragens ele viu em seu desespero;

Em sua longa viagem pelo deserto da vida.

Tempestades de areia, a solidão do amanhã.

O trem do deserto, que lhe trouxe a lugar nenhum.

Dunas que tanto lhe enganaram.

Tanto tempo perdido, tanto tempo a perder.

Após tanto rastejar, fechou os olhos.

Deixou que o vento quente soprasse;

Enquanto reunia forças para se erguer.

Sentiu uma brisa fresca, e abriu os olhos.

Viu um lago, florestas, um céu colorido.

Era um lugar lindo, sentia-se confortado.

Levantou-se e abriu os braços.

O forasteiro encontrara seu lugar.

Diário de um Forasteiro

Pensou em todos os dias tristes e solitários;
Toda a caminhada pelo deserto infinito.
A saudade de um lar que nunca existiu.
Tudo valera a pena, pois chegara àquele lugar.

Podia sorrir.
Podia sentir a brisa fria que tanto gostava.
Podia ouvir os pássaros cantando em sua homenagem.
O forasteiro encontrara seu lugar.

Seu corpo repousa sob as dunas.
Sua alma voa como um pássaro.
E o anjo do julgamento aprovou:
- Este era seu destino. Agora é livre!

PARA SEMPRE FORASTEIRO

Trem que atravessa o deserto;
Decola pelos trilhos e voa para o espaço;
Com a força de um cometa, mas é estrela;
Cometas são passageiros, mas estrelas permanecem.

Noite estrelada que se apaga;
Quando acende seu brilho infinito.
Você é sol que ilumina um novo dia.
E quando cai a noite, é estrela-guia.

Esse mundo é plural demais;
Para alguém tão singular quanto você.
Voe por cada canto do universo;
E deixe seu brilho se espalhar.

Em cada brilho nascerá um sol;
Em todo universo haverá um pôr-do-sol;
E todos se lembrarão de você;
Pois seu brilho é único, forasteiro.

MONDO FINITO

Tanto falei em trilhos, desertos e montanhas;
Muito mencionei o vento, a vida e o vazio;
Tantas vezes saudei o pôr-do-sol.
Tantas vezes supliquei ao infinito;
O grito de socorro que ecoa pelo universo;
Tantas quantas em melodia se converteu.

A fantástica viagem pela vida;
Vida perdida, sofrida, vivida;
Vida duvidada, sonhada, encerrada.
Vida sentida, que nunca fez sentido;
Vida que vivemos uma única vez;
Mas morremos muitas vezes.

Os versos do poeta se calam diante dos “porquês”;
As cores da pintura escurecem diante dos “ondes”;
O sol dá as costas quando brilha o abandono.

De futuro se alimentam os sonhos;
De passado se alimenta o presente;

Diário de um Forasteiro

E de presente se morre de fome.

Fome que consome cada brilho do olhar;
Fome que enfraquece o lançar dos dados;
Fome que esvazia o coração e entorpece a poesia.

O forasteiro encerra seus registros no diário;
Pois seu guia não vai servir pra mais ninguém;
A busca pelo caminho era o próprio caminho.

Um coração várias vezes semeado;
Pelas mais lindas flores do universo;
Sempre será o jardim mais feliz de todos.

Com um beijo ou abraço;
Ou uma lágrima de saudade;
Ou uma lembrança calorosa.

O poeta apaga todas as estrelas;
E fecha a porta do infinito;
Desejando a todos uma boa noite.

Diário de um Forasteiro

FIM